

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

Neste número

Práticas Artísticas na Modernidade

*Um Encontro sobre
Antropologia das Artes*

Vol. 11
1993

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O MEU PROCESSO CRIATIVO EM OUTROS ASPECTOS

Francisco Camacho

Transposição para a escrita, em jeito de confissão aos mais velhos, de dúvidas e problemas que me habitam, sem uma necessidade imperiosa de explicação ou resolução.

1. SOLO/GRUPO

Apesar de algumas opiniões, sérias e bem formadas, nesse sentido, não creio ser o solo a via correcta para a minha actividade coreográfica.

2. GRUPO

Vejo-me na necessidade de recorrer de novo a bailarinos e bailarinas, seres, humanos e raros, que me reenviam ao aspecto mais problemático e negativo da minha personalidade, segundo os mesmos e outros seres, também humanos e não menos raros, comumente designados por amigos e conhecidos. Dizem eles que a comunicação em mim é parcial, precária ou nula, dependendo do grau de ardor e das circunstâncias em que a alocução é proferida. Dizem eles, que eu não o posso dizer por não o sentir assim. Digo que sinto uma certa falta de entusiasmo, um desamparo, uma frustração e uma mágoa pelos quais, e aqui sim, me reconheço responsável.

Se julgo que ao nível da eficácia da transposição do movimento por mim criado para os seus corpos, não tenho um grande problema, por habilidade de compreensão e de explicação da mecânica do movimento, e da premissa de que nesta transposição há uma adaptação, que sendo personalizada me é suficiente, já ao nível da direcção de improvisação me falha a habilidade e as premissas se tornam promessas.

Concretize-se: em improvisação livre, como método de trabalho diário, eu não acredito, e como eu muitos outros, entre os quais aqueles com quem eu trabalho. Assim é necessário dar pretextos para a produção de material, seja ele movimento, som, emoção ou articulação de vários. Até aqui a dificuldade poderá ser maior ou menor. Sendo o mais frequente a indicação de que não sei de todo em que direcção quero ir e onde quero chegar, ou mesmo em que direcções não quero ir e onde não quero de todo chegar. Em seguida é indispensável dirigir os resultados que vão surgindo, aprofundá-los, complementá-los, redireccioná-los, etc., etc., etc. Aqui recorro frequentemente a um simples pedido de nova tentativa, acompanhado de uma ou outra indicação, e um silêncio profundo sobre os resultados alcançados.

Dúvida que se instaura será não saber o que quero ou será não partilhar o meu sentimento em relação ao que vi?

A resposta que se impõe: não sei!

3. SOLO. A VIA PARA A MINHA ACTIVIDADE COREOGRÁFICA SEGUNDO ALGUMAS OPINIÕES, SÉRIAS E BEM FORMADAS. UM DESEJO PONTUAL MEU

Refugiar-me em mim foi sempre generoso e ceder e afundar-me na minha angústia de algum modo prazeroso. Deste modo trabalhar comigo, em mim e só comigo poderia ser apenas mais um avultado investimento narcísico. Gorando-se as expectativas de uma pesquisa cuidada de como lidar e dirigir um ser dançante, tomando como ponto de partida as minhas próprias solicitações enquanto representante da espécie. Solução providencial foi a de convidar uma terceira pessoa a intrometer-se entre o director e o intérprete. Mais providencial ainda foi esta terceira pessoas ser uma encenadora, e actriz, pois que nos movemos numa zona difusa em que participam o Teatro e a Dança e a que chamaremos a resposta possível, provisória ou não, aos anseios do coreógrafo de uma Arte, ironia das ironias, mais comunicativa, interpelativa e actuante. Obrigados a separarem-se director e intérprete, zangam-se e dizem as verdades. Mas deste imbróglio não daremos relato e adiantaremos apenas o seguinte: reencontrados em palco, director e intérprete, diz o último — sendo tu o coreógrafo sinto-me eu, no entanto no direito, e mais bizarro ainda no dever, de ir introduzindo alterações quer ao nível

mais instintivo de pequenas alterações do ritmo, da modulação da voz, da dinâmica do movimento, do olhar e do tocar, como também ao nível do próprio sentido global da personagem e da peça. Ao que o outro retorque: — ainda bem, porque creio ter sido sempre esse o meu objectivo, e ainda que hajam alterações de representação para representação do sentido global daquilo que entre nós e o público se está criando, isso, que se está criando, radica sempre lá numa mesma tentativa de percepção e de re-organização do mundo, e na plataforma que lá definimos, entre nós e para nós, e que aqui baixámos. Dito isto afastou-se o intérprete, deixando-se ficar o director.

4. GRUPO. ENQUANTO INTÉRPRETRE

Chego então a outras paragens com vista à aplicação dos novos saberes sob a direcção de outrem e aprendo que se um bom desempenho é tudo o que nos é permitido num trabalho isso não é mau mas também não é ideal e não é por isso que aqui andamos, além de estarmos a regredir.

Ainda que compondo uma personagem, e que o sub-texto fosse sempre palpável e atingível, se bem que variando no grau de motivação e consistência, estava de novo ausente a recém-encontrada dimensão, proporcionadora de uma completa satisfação performativa, e que é a de podermos decidir enquanto intérpretes, do futuro da obra e da produção de sentido da mesma, ao integrar os impulsos do momento, ao tomar novas decisões, conscientes e inconscientes, ou seja, e simplificando, a completa fusão intérprete-personagem-obra.

Desta fase de aprendizagem ressaltou ainda que o desafio é para mim essencial. Na ausência deste e do resto encontrei-me vítima de alguma frustração e gozando de algum desafio material, a fazer lembrar os meus tempos de contratado a prazo, recorro a um estratagema desses tempos e eis-me rodeado de pequenos prazeres, afagando o ego e consolando a alma. Não há nada que chegue a um verdadeiro investimento narcísico.

4. O FUTURO PRÓXIMO

Será a interpretar o mesmo solo e a mesma peça de grupo como intérprete e sob a direcção de outrem. Mas mais aliciante será um novo solo, por mim dirigido, mas não interpretado. Interpretado por alguém que me é próximo, nomeadamente no plano profissional, e mais particularmente no grupo de que falávamos no início desta confissão. Sendo que nesse grupo nos evidenciámos, com distinção e não menos bravura, pelo nosso intempestivo e conflituoso modo de comunicação. Não há como reconstituir o passado para o libertar das suas feridas. (Daí também esta minha nova experiência BUC).

Mas além de aliciante, desafiante, porque um auto-retrato, meu, num outro corpo. E confiando na expectativa de me suceder ao pretender colocar nas mãos dos intérpretes o sentido da obra em cada representação, e em cada representação um acréscimo de liberdade criativa sua, isto resultará numa multiplicidade de auto-retratos, e a fusão intérprete-personagem-obra que me será dada a ver serei eu, dado a conhecer e a aprender a mim próprio, diferente de cada vez. por interposta pessoa, mas por mim esboçado. E devo talvez acrescentar que acreditando eu e defendendo a evolução do homem no seu tempo de vida e a modificação das suas características mais negativas ou a sua reciclagem, me congratulo pela possibilidade do meu trabalho as poder despoletar na minha pessoa.

5. O FUTURO LONGÍNQUO

Aquilo que pretendo atingir com os meus intérpretes é moroso, exige um espaço físico, exige que eles e eu possamos realizar investimentos narcísicos quando nos sentirmos mais frustrados ou insatisfeitos ou, não menos importante, quando felicíssimos.

As peças que pretendo criar são aquelas que me vêm habitando há já algum tempo, que nasceram em mim e que eu desejo muito ver concretizadas. O solo/auto-retrato anteriormente mencionado embora resultando de um convite-encomenda surgiu numa altura propícia, desejável. A realização destas peças é morosa, exige que se possam fazer investimentos de algum vulto, nomeadamente nas contribuições de outros colaboradores artísticos, exige uma rede de circulação, nacional e internacional, exige uma rede de circulação apta a receber obras menos fáceis tanto artisticamente como tecnicamente.

Tudo isto custa dinheiro, mas a não ser isto, que é o que realmente quero fazer, que acredito vale a pena fazer, que é importante para mim e para outros fazer, a não ser isto não me apetece fazer mais nada. O mais aborrecido é ser tudo uma questão de dinheiro.

O futuro afigura-se longínquo, incógnito.